

Uma breve reflexão sobre o ensino de Filosofia nas Escolas de Ensino Médio do Brasil

Adriane Kareen Müller Silva¹

Maria Inácia Lopes²

Pe. João Batista Ferraz do Prado³

Resumo

Este Trabalho busca refletir sobre a importância do ensino de filosofia e como este se aplica na boa formação do estudante do ensino médio no Brasil. Para tanto, será explanado, a título de introdução para o trabalho, o significado da Filosofia, considerando-se a etimologia desta palavra e seus diferentes aspectos, sendo eles: especulativo, normativo ou prescritivo e analítico. A seguir procurou-se comparar o conceito clássico e o moderno de verdade, para com isto perceber-se onde teve início a nova concepção de verdade que a ciência trouxe para a história. Estes assuntos servirão como preparação para depois falar-se dos métodos e mediações no ensino de Filosofia, bem como o valor do professor e da Verdade no processo de aprendizagem do aluno. Por fim, procurou-se mostrar qual o papel, ou missão, que a Filosofia e o seu ensino têm a contribuir para com o estudante e, conseqüentemente, com a sociedade.

Palavras-Chave: Ensino de Filosofia. Verdade. Diálogo. Reflexão. Aperfeiçoamento.

INTRODUÇÃO

A Filosofia foi banida dos programas escolares brasileiros a partir de 11 de agosto de 1971, através da Lei nº 5692, pelo governo militar da época, só voltando a reaparecer como disciplina optativa em 1982.

O Conselho Estadual de Educação de Goiás com base no artigo 160 da Constituição do Estado de Goiás e da Lei Complementar Estadual 26/98 regulamentou a inclusão da Filosofia no ensino fundamental e ensino médio, a partir de dezembro de 2005. Desde então a Filosofia faz parte do currículo tanto no ensino médio da rede pública quanto da rede particular de ensino, neste Estado.

A parte histórica e a regulamentação do ensino da filosofia quase todos os estudantes e professores brasileiros já devem conhecê-la, ou já ouviram dela falar. Mas na prática, quando

¹ Licenciada em Filosofia pela Faculdade Católica de Anápolis

² Mestre em Ciências da Educação Superior e Vice-Diretora Acadêmica da Faculdade Católica de Anápolis

³ Mestre em Educação e Professor do Curso de Licenciatura Plena em Filosofia da Faculdade Católica de Anápolis

o professor está ministrando esta disciplina, no ensino médio, parece haver muitas dúvidas dos alunos quanto à importância de se aprender a Filosofia. Os alunos das escolas, em geral, questionam seus professores sobre o porquê de se estudar Filosofia. De certa forma pode-se até entender este questionamento, pois a Filosofia realmente esteve fora do currículo escolar durante tempo suficiente para que as pessoas desaprendessem qual a sua real importância. E neste tempo, o ensino profissionalizante teve a primazia nas salas de aula para suprir com os recursos humanos a demanda do mercado de trabalho. A partir daí, as pessoas começaram a se preocupar somente com o aspecto prático e útil do seu aprendizado, tornando-se cada vez mais especialistas em suas profissões. Porém, este tipo de educação só leva o estudante a entender um aspecto da realidade. A Filosofia é a única que pode ajudar o aluno a pensar sobre tudo o que envolve sua existência, pois ela procura pensar no todo da realidade. Entretanto, dependendo de como a Filosofia for introduzida, poderá enriquecer a formação dos estudantes, ou poderá se tornar um amontoado de informações sem sentido. E sobre esta questão, afirma Kohan (2002, p.22):

Não considero interessante apenas que a filosofia ocupe espaços. Dentro e fora das escolas, importa, fundamentalmente, compreender o que ela faz nesses espaços, o tipo de filosofia que se pratica (e ensina), sua relação com outras áreas do saber, com a instituição escolar e as outras instituições da vida econômica, social e política do país. Convém, especificamente, considerar a relação que professores e alunos envolvidos com a filosofia estabelecem entre si e com ela. Importa, antes de mais nada, o tipo de pensamento que se afirma e se promove sob o nome de filosofia.

O professor de Filosofia que não se preocupa com a boa formação de seus alunos estará com certeza fazendo mais mal do que bem a eles. Uma boa formação é aquela que se baseia no conhecimento verdadeiro, que leva à busca da sabedoria, que contribui para o bem do aluno e de sua comunidade e que o leva a refletir sobre tudo o que o cerca e não somente com o que lhe será útil saber e fazer, somente a verdadeira Filosofia contém estas qualidades.

O estudo a seguir terá como objetivo aprofundar a reflexão iniciada acima, com a intenção de buscar os fundamentos onde poderá basear-se o ensino da Filosofia para o ensino médio, visando à qualidade na formação destes estudantes. Tentar-se-á deixar claro qual é o papel da Filosofia na Educação e na vida dos alunos.

O SIGNIFICADO DA FILOSOFIA

1. A etimologia da palavra filosofia

É importante, em primeiro lugar, procurar estudar a etimologia da palavra filosofia e conhecer o seu significado. Etimologicamente, a palavra filosofia é formada por dois termos gregos: *filos*, que significa amor, e *sofia*, que significa sabedoria. Assim, “a Filosofia tem o sentido etimológico de amor à sabedoria” (COTRIM, 1988, p. 17). Porém, com o decorrer do tempo, o termo filosofia passou a designar um tipo especial de sabedoria - aquela que nasce da investigação racional em busca do conhecimento diferenciando-se, assim, das explicações fundamentadas nos mitos, que são uma maneira fantasiosa de explicar o mundo através de narrativas sobre os deuses, sobre a natureza e sobre os seres humanos.

A Filosofia é o principal testemunho, e a mais bela criação do espírito grego. A respeito disto diz Jaeger (2010, p.12)

Nela se manifesta da maneira mais evidente a força que se encontra na raiz do pensamento e da arte grega, a percepção clara da ordem permanente que está no fundo de todos os acontecimentos e mudanças da natureza e da vida humanas. Todos os povos criaram o seu código de leis; mas os gregos buscaram a “lei” que age nas próprias coisas, e procuraram reger por ela a vida e o pensamento do homem. O povo grego é o povo filosófico por excelência. A “teoria” da filosofia grega está intimamente ligada à sua arte e à sua poesia. Não contém só o elemento racional em que pensamos em primeiro lugar, mas também como indica a etimologia da palavra, um elemento intuitivo que apreende o objeto como um todo na sua “idéia”, isto é, como uma forma vista.

Dentre os filósofos da antiguidade, um dos mais importantes é Platão, porque suas obras são consideradas como chave para se entender melhor o espírito grego.

2. O aspecto especulativo da Filosofia

A filosofia como especulação busca conhecer tudo o que existe no universo, ou seja, o todo da realidade. Os filósofos não se contentam como os cientistas em estudar apenas uma parte do todo, pois sabem que o homem impulsionado pela curiosidade intelectual e pelo desejo de ordem busca compreender a soma das coisas, das quais cada indivíduo é apenas uma parcela. Assim, diz Kneller (1970, p. 12):

Mesmo em nossa própria vida, a tendência é para estruturarmos as coisas numa ordem que faça sentido. Não tentamos organizá-las numa ordem de

importância? Não relacionamos os meios com os fins? A filosofia promana da necessidade do homem organizar suas ideias e encontrar significado no domínio global do pensamento e ação [...] Um grande defeito de muitos especialistas e também de muitos estudantes é a tendência para considerar os estudos especiais como de suprema importância, pelo fato de vivermos numa era de especialização. Pondo de parte o provincianismo de tal atitude, permanece o fato de que não podemos tratar apropriadamente qualquer assunto isolado enquanto não possuímos um conhecimento operante do que significa existir, saber, avaliar e inquirir as coisas em geral. É neste ponto que a Filosofia entra em nossa vida.

Esta atitude da ciência de se limitar a estudar fatos isolados é comparada por Kneller a uma pessoa provinciana, pois esta não conhece as coisas da cidade grande, assim seu conhecimento limita-se apenas à província onde vive. Assim, ambas nessa atitude de isolamento, ficam alheias ao conhecimento do mundo em geral. A Filosofia, ao contrário da ciência, procura conhecer, questionar, avaliar o todo da realidade para depois tentar compreender as partes como componentes deste todo.

3. O aspecto prescritivo ou normativo da Filosofia

A Filosofia prescritiva ou normativa diz respeito aos valores e ideais. Ela examina o que se entende por bom ou mau, certo e errado, belo e feio e também analisa se essas qualidades são inerentes às próprias coisas ou se são, simplesmente, projeções das nossas próprias mentes. A respeito disso, Kneller (1970, p. 13) afirma:

Onde o cientista estuda os fatos, o filósofo prescritivo os avalia. O cientista pode ser capaz de prever as conseqüências de certo tipo de comportamento, sob condições específicas e mensuráveis, mas deixa de falar como cientista se declarar que esse comportamento está certo ou errado.

Assim, entende-se que a ciência estuda apenas as coisas que, no homem, podem ser quantitativamente medidas, ou seja, ela estuda os aspectos da natureza humana de forma objetiva e empírica. Somente a Filosofia busca compreender a natureza humana como um todo, inclusive os aspectos morais de sua natureza.

Portanto, por exemplo, um psicólogo ao observar a natureza de seu paciente poderá prever o resultado de sua conduta, mas não examinará se esta conduta está certa ou errada. O Filósofo prescritivo, ao contrário, analisará se um determinado comportamento é bom ou mau, certo ou errado.

4. O aspecto que concerne à crítica e à análise da Filosofia

Outro aspecto da Filosofia diz respeito à crítica e à análise, que são usadas pelo filósofo para examinar conceitos como “mente, eu e causa – na educação, motivação, adaptação e interesse” (KNELLER, 1970, p.13), com a intenção de descobrir seu significado em diferentes contextos.

O que é importante saber é que grande parte dos filósofos parece concordar que todos esses aspectos são necessários. A especulação desvinculada da análise pode ficar tão fora de realidade que se tornará inacessível e irrelevante para o mundo que se conhece e, por outro lado, a análise sem a especulação desce a detalhes insignificantes e torna-se, então, acadêmica e estéril. Usando as palavras de Kneller (1970, p. 16) conclui-se que:

A ciência apenas estuda aquelas coisas que, no homem, podem ser quantitativamente medidas. É principalmente através da Filosofia que compreendemos a natureza total do homem.

Portanto, a Filosofia é simultaneamente natural e necessária ao homem, porque o espírito humano busca eternamente uma visão mundial ou uma estrutura compreensiva através da qual as nossas intuições possam explicar-se. A Filosofia não é apenas uma parte do nosso conhecimento, a par da arte, da ciência e da religião; na realidade abrange essas disciplinas em suas fases teóricas, procurando explicá-las e interligá-las.

A BUSCA DA VERDADE NO ENSINO DE FILOSOFIA

1. A concepção clássica da verdade

No Livro A República, capítulo VII, Platão promove um diálogo entre os personagens Sócrates e Glauco, e ali é dada a ênfase ao processo de conhecimento, mostrando a visão de mundo do ignorante que vive de senso comum, e do filósofo em sua eterna busca pela verdade.

O mito da caverna mostra a passagem dos graus inferiores de conhecimento aos superiores. A passagem de um grau para o outro se dá muito lentamente e com grande esforço. Exige conversão, total mudança de mentalidade. Percebe-se, então, que para Platão a Filosofia não é a simples posse do saber, mas a busca, o desejo da sabedoria.

Todo ser humano busca saber a verdade das coisas. Mas, o que é a verdade? Nunes (1978, p. 81) explica que:

Existe uma concepção da verdade, conatural ao espírito humano, requerida pela nossa natureza pensante e que todos adotamos na prática por ser

necessária e imprescindível para o conhecimento e para as relações humanas. Justamente por se tratar de concepção de tal quilate é que ela continua a vigorar e a impor-se, ainda hoje, ao pensador de gabinete e ao homem comum que não cuida de estudos e, assim nos parece, sempre existirá com caráter de necessidade e rigor, como uma constante da mente humana e da filosofia. Assim, a verdade consiste no acordo do pensamento com as coisas e existe no juízo ou proposição formulada por um sujeito pensante. Ela não é um ser ou uma coisa, nem conhecimento nem pessoa. A verdade é uma propriedade do juízo ou da proposição e, portanto, do conhecimento. Onde, só é conhecimento desejável e autêntico o que é verdadeiro.

Porém, é preciso esclarecer que a verdade não é conhecimento. Porque “este pode ser incompleto, relativo, transitório, ou até mesmo falso, em qualquer domínio, enquanto a verdade vem a ser uma propriedade que pode existir ou não num determinado conhecimento” (NUNES, 1978, p. 29). Desta forma, um conhecimento que se acreditava ser verdadeiro no passado, pode hoje ser considerado falso pela demonstração científica ou racional. E embora tal conhecimento tenha sido considerado certo no passado, na verdade sempre foi falso.

2. A concepção moderna da verdade

Até o século XIX a concepção clássica de verdade permaneceu sem sofrer alterações. Desta época em diante começaram a aparecer novos conceitos que pretendiam espalhar uma nova orientação do pensamento, conceitos estes que afirmavam que a verdade é teórica e o conhecimento do teórico inútil.

Bacon e Descartes contribuíram para essa nova concepção de verdade. Bacon acredita que o ideal do conhecimento seria esta união da teoria e da prática da contemplação e da ação. Mas, explica que não se deve aplicar o conhecimento para ganhar a vida, pois isso pode atrapalhar a busca e o progresso da ciência. Já Descartes afirma sua convicção de que através do conhecimento científico o homem dominará a natureza e a aplicação deste conhecimento lhe trará o gozo dos frutos da terra e a conservação da saúde. A ideia de utilidade está evidente em ambos os discursos.

Nunes (1978, p. 86) explica muito bem como Bacon e Descartes contribuíram para formar esta nova concepção de verdade ligada à utilidade e quais as conseqüências dessa nova concepção:

Descartes e Bacon estavam a assistir ao aparecimento da ciência experimental e aplicada, e começaram cada um a seu modo, a participar dessa constituição do departamento da ciência exata, no início da Idade Moderna. Tudo isso é compreensível e digno de nota. O que, porém, revela ser assinalado é a insistência com que num certo êxtase os epígonos do pensamento moderno insistem no conhecimento útil, e apontam o grande

ideal da ciência a serviço do homem [...] O que revela ser assinalado, pois, é a insistência no aspecto utilitário do conhecimento que logo, imperceptivelmente, se vai transferir para a própria noção de verdade, de tal modo que as sementes lançadas por Bacon e Descartes irão medrar no espírito de William James e de John Dewey na concepção pragmatista: o verdadeiro é o que é útil [...] É claro que o próprio conhecimento verdadeiro é útil, enquanto meio para satisfazer a necessidade intelectual de saber experimentada pelo homem [...] não existe oposição entre conhecimento verdadeiro e conhecimento útil, pois, quando o qualificamos dessa maneira, estamos perante dois critérios distintos, de dois modos diferentes de aferimento.

Desde este tempo, a escola está sendo dominada pela ciência e o homem passou a se formar para ser útil. A mentalidade incutida nele é a de que deve dedicar o seu tempo a produzir e consumir, ser eficiente e empreendedor, dessa forma o homem não existirá para se auto-realizar, mas existirá para a realização dos outros, pode-se dizer que se tornará o escravo ideal, e com o passar do tempo tornar-se-á descartável também, pois nesta mentalidade, o que não é mais útil deve ser descartado (isto porque nesta concepção o verdadeiro é o que é útil). Nunes (1978, p.85) afirma que “a ciência sem a ajuda do conhecimento teórico corre sempre o risco de tornar a pessoa cega ou inconsciente para o ambiente que a cerca e envolve”.

Entende-se então que o professor de Filosofia deve ser muito prudente, pois ele é o mediador entre o conhecimento e o aluno. Assim, deve explicar ao aluno sobre os benefícios que a ciência pode trazer ao homem. Mas, mais do que isto, deve levar o aluno a sondar os princípios de todo tipo de conhecimento e buscar a verdade sobre eles. “É iluminado pela verdade, aos poucos conquistada, que o ser humano vai se equipando com a faculdade de discernir, avaliar e escolher, de ponderar e decidir. Por esse caminho, a educação tem por fim a conquista da liberdade interior”, explica Dom Lourenço de Almeida Prado (1991, p.27). O ensino da Filosofia tem, portanto, essa missão de iluminar o aluno com a verdade, para que ele conquiste a autonomia intelectual.

SOBRE OS MÉTODOS E MEDIAÇÕES PARA O ENSINO DA FILOSOFIA

Atualmente exige-se dos professores que deem conta de uma classe com mais de trinta alunos, sem poder sobrecarregá-los com tarefas, e sem poder exigir deles algum trabalho. Esta é a realidade da maioria das escolas que se conhece. Em seu livro Educação: Ajudar a pensar, sim: Conscientizar, não, Dom Lourenço de Almeida Prado (1991, p. 29) explica bem este problema:

Não resta senão a alternativa de refugiar-se na função de animador de grupo, o que significa, concretamente, em refugiar-se no método [o professor] sem o objetivo de trabalhar um conteúdo, é transformado na figura meio ridícula daquele que duelava com os ventos. O recurso é multiplicar filmes, slides, videocassete, computador, jogos, recreação. Se fizer tudo isso, será bom professor: não terá ensinado nada, nada se terá aprendido, mas incentivou-se a sociabilidade dos alunos e o tempo passou distraído. E isso é o que vale.

Um dos problemas aqui expostos por Dom Lourenço está em se usar o método como um fim em si mesmo, a palavra método significa caminho, por isso mesmo ele deve ser visto como um meio para enriquecer e ajudar na transmissão do conteúdo.

Outro problema é de não se dar ao conteúdo a menor importância, assim o aluno conclui que o que ele aprende na escola não tem o menor valor. Ele chega a esta conclusão porque recorre naturalmente “a primeira grande lei da mente humana [...] é o Princípio de Contradição” (NUNES, 1978, p.14), ou seja, a idéia de que uma coisa não pode ser verdadeira e não ser verdadeira ao mesmo tempo. Assim, se por exemplo, alguém diz chove e está realmente chovendo, então a afirmação é verdadeira, ou seja, a proposição está de acordo com a realidade. É desta maneira que o aluno descobre a verdade nas coisas que aprende na escola.

Portanto, o professor e o ensino devem prestar ajuda ao aluno para que use a sua inteligência, seja abstraindo da realidade, ou seja, raciocinando, com o fim de adquirir conhecimento. Conforme Prado (1991, p. 42),

O professor não é, portanto, animador de debates, (...) ou o avivador de memórias adormecidas. Não é por outro lado, o agente principal, criador de conhecimentos na cabeça do discípulo, mas é auxiliar, causa adjuvante, que oferece ao discípulo, por apoios externos, uma rica contribuição para que ele, discípulo, chegue mais rápido e possa subir mais alto, na aquisição de conhecimentos. Quem conhece, quem aprende, o agente principal na aquisição da verdade, é o discípulo: o professor tem a nobre função de auxiliar. (Note-se: professor e ensino não necessariamente em escola, mas em todo o convívio humano em que o mais velho ajuda o mais moço e, de modo particular, pai e mãe, na convivência familiar.

E quando se fala aqui em apoios externos, pode-se entender que os métodos também estão incluídos, mas apenas como um meio para se chegar a um fim, ou seja, como uma ajuda que o professor dispõe para ilustrar, enriquecer ou ensinar algum conteúdo.

1. O método baseado no diálogo, reflexão e amizade

Sócrates já indicava em sua época qual o melhor método para filosofar com os alunos: o diálogo e a reflexão. O diálogo a que ele se refere é o diálogo como aquele que acontece entre dois amigos. Dois amigos que buscam atingir a verdade dos problemas a que se propõem discutir e refletir. Eis o que Veloso (1968, p. 13) esclarece a este respeito:

A verdade já está em nós, defenderia Sócrates, apenas que, enfaixada nos cendrais e véus da ignorância. Cumpre desnudá-la dessas vestiduras, através de uma reflexão ferrenha e perseverante, e pela comunicação com os outros, pelo DIÁLOGO – Filosofia é comunicação e diálogo – pela participação e convivência, controvérsia e polêmica com os demais.

O diálogo no ensino da Filosofia deve ser visto como uma forma de amizade. “O indicador principal da amizade é a gratuidade, que torna os amigos livres [...] A amizade não é um meio para nada, mas uma mediação, uma abertura para o originário do diálogo, a saber, a verdade, e assim fica assegurada a dignidade da pessoa, que existe para si”, explica Barcellos (2009, p. 131).

O verdadeiro motivo de uma amizade não deve ser de se obter algo de útil ou prazeroso. Deve-se amar o amigo pelo que ele é, e não pelo que ele pode oferecer. Assim, acredita-se que a amizade sincera entre professor e aluno pode assegurar uma abertura ao diálogo educativo.

2. A mediação exige ética no ato de educar

No ensino da Filosofia, o educador deve refletir sobre o conteúdo que apresentará ao educando. É verdade que o mestre é uma pessoa com responsabilidades culturais, religiosas e políticas e seus valores acabarão se tornando presentes no diálogo educativo, conforme Prado (1991, p.175):

A comunicação humana vai de interior a interior, de inteligência a inteligência, de coração a coração. Leva ao outro o que é seu e recebe do outro o que é dele [...] comunica projetos, ideias, imaginação, comunica desejos e afeições, comunica bens que vêm de Deus, a graça que santifica.

O importante é que o conteúdo a ser ensinado esteja livre de ideologias e também da pretensão de conscientizar o aluno, pois ambas só servem para manipular o educando. É preciso que se tenha ética no ensino de Filosofia como em qualquer outra disciplina do currículo escolar. Segundo Prado (1991, p. 189):

A referência fundamental para definir a ética do ensino está na própria função do professor. Este não é nem um mero animador de debates, nem um conscientizador de alunos; nem um simples orientador de pesquisa, nem um inculcador de sua doutrina. Sua função é prestar ajuda. Ajudar o aluno a aprender, a descobrir, conferir na sua mente, e tomar posse, com um ato criador de sua inteligência ativa, da verdade, como algo seu. Não aprende a verdade do professor, mas a verdade das coisas. Os antigos colocaram, por isso, a educação ao lado da medicina e da agricultura, como uma *ars cooperativa naturae*. A condição de arte auxiliar da natureza não a empobrece, mas ao contrário, engrandece, na medida em que indica a inviolabilidade do interior humano, que é um dos traços de sua nobreza pessoal. O professor não coloca o aluno numa forma, mas dá-lhe o apoio que precisa para que venha a ser ele mesmo.

Portanto, no ensino de Filosofia e no ensino em geral, o professor que transforma sua aula numa propaganda, querendo com isso enquadrar o aluno nas suas idéias políticas, sociais e religiosas, e na sua concepção de vida, de forma a dominar o aluno e o subjugar, deverá ser considerado antiético, manipulador e desleal.

Quando o aluno toma posse do conhecimento e da verdade que ele contém, experimenta a libertação e fica livre do domínio da ignorância, da alienação e das concepções de vida que lhe foram impostas pela sociedade onde está inserido.

A TAREFA DA FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO

É com o passar das aulas que os alunos vão aprender o valor do filosofar. O professor semeará o conteúdo que levará o estudante a experimentar uma espécie de espanto. O espantar-se dá início à mudança, à transformação, que é a passagem do pensamento mítico ao pensamento racional. “Todo pensamento exige que se pare para refletir”, diz Arendt (1978, p.78). Todo pensamento leva o homem a sair da realidade sensível. Na atividade reflexiva o homem se move para fora do mundo utilizando uma linguagem, palavras abstratas.

Heidegger (1966, p.45) encara com seriedade a tarefa específica da Filosofia e a distingue do saber científico: “Ocorre que a Filosofia não é um saber que, à maneira de conhecimentos técnicos e mecânicos, se possa aprender diretamente ou, como uma doutrina econômica e formação profissional, se possa aplicar imediatamente e avaliar de acordo com a utilidade”. O filosofar exige calma, diálogo do professor com seus alunos, muita leitura e muita reflexão para, então, com o tempo, acontecer o amadurecimento do pensar do

educando. A Filosofia é antes de tudo um convite para pensar, e é aceitando este convite que os homens vão, aos poucos, sendo introduzidos no seu mundo.

A Filosofia, segundo Cotrim (1988, P.19), tem uma grandiosa tarefa a desempenhar em nossas escolas, ela deve:

Desenvolver no estudante o senso crítico, que implica a superação das concepções ingênuas e superficiais sobre os homens, a sociedade e a natureza, concepções estas forjadas pela “ideologia” social dominante.

Para isso, é necessário que o ensino da Filosofia estimule o desenvolvimento da reflexão do estudante e forneça-lhe um conjunto de informações sobre reflexões já desenvolvidas na história do pensamento filosófico.

O resultado desse processo é a ampliação da consciência reflexiva do estudante, voltada para dois setores fundamentais:

* **a consciência de si mesmo:** crítica de si próprio enquanto pessoa e de seu papel individual e social (autocrítica);

* **a consciência do mundo:** compreensão do mundo natural e social e de suas possibilidades de mudança.

É necessário entender que o pensar filosófico se desenvolve dentro de uma atmosfera de quietude e solidão. Deste modo, o filósofo reflete sobre a realidade e sobre o seu papel dentro dela. Quando entende o seu papel pode querer transformar as coisas a sua volta, mas, antes de tentar mudar o mundo é importante que o filósofo reflita sobre sua própria vida e se conheça bem, assim será mais fácil se solidarizar com os problemas alheios. Miguel Reale em Ladusãns (1976, p. 436) explica que:

A meditação filosófica autêntica desenvolve-se centrada em si mesma, o que não quer dizer que se considere auto-suficiente: concentra-se antes por uma razão de humildade, pela autoconsciência de sua finitude. Cada filósofo sendo fiel a si mesmo realiza uma obra de imenso significado, bem maior do que o do pensador empenhado em transformar o mundo, sem cuidar de transformar-se a si próprio. O mal de muitos pensadores atuais talvez consista em ter perdido o amor pela solidão, convertendo a vida num palco perante um auditório. Na realidade, porém, quanto mais o homem se volve para si mesmo mais adquire condições para compreender os outros e para servi-los em concreta intersubjetividade.

O estudante deve ser levado a pensar nos problemas da existência mas precisa, primeiro, aprender a afastar-se deles para melhor compreendê-los, depois disto estará pronto para colaborar, para mudar as coisas a sua volta.

CONCLUSÃO

O ensino de Filosofia, para contribuir com a formação dos estudantes do ensino médio no Brasil, deve ser ministrado por professores realmente formados e licenciados nesta disciplina, pois acredita-se que estes têm maior preparo para trabalhar a variedade de assuntos e questionamentos filosóficos que deverão ser apresentados aos estudantes. Somente o professor formado no curso de Filosofia está preparado para desenvolver com os alunos um pensamento crítico, fornecendo-lhes a oportunidade de elaborar raciocínios, debater idéias e desenvolver um pensamento autônomo sobre as teorias e os problemas a eles propostos e ainda construir seus próprios textos.

Os mestres devem procurar ser prudentes quando falam do conhecimento científico, pois este trouxe ao homem muitos benefícios. Porém, devem ressaltar que o conhecimento filosófico excede o científico, porque o primeiro procura conhecer a soma das coisas existentes e como estas se organizam no todo da realidade, o segundo, ao se preocupar tanto com a especialização, conhece apenas um assunto isolado, correndo o risco de tornar-se inconsciente e acrítico aos problemas a sua volta.

Ao ensinar a filosofia, o docente deve preocupar-se em transmitir um conhecimento verdadeiro e não somente o que poderá ser útil ao discente pois, apenas iluminado pela verdade, este estará equipado com a faculdade de discernir, avaliar e escolher, ponderar e decidir, o que o ajudará a adquirir autonomia intelectual.

No ato de educar o professor de Filosofia poderá até fazer uso de alguns métodos e recursos, mas estes deverão servir apenas como um meio para se atingir o fim último que é o de auxiliar o aluno a adquirir conhecimentos que lhe servirão para se aperfeiçoar como pessoa.

O diálogo pode abrir caminho para a amizade e esta é que assegura também uma abertura para que o ensino se realize. Este diálogo educativo não deve servir para que se transmitam ideologias. O professor que usa a aula para propagar ideias políticas, sociais e religiosas, além da sua concepção particular de vida, deve ser considerado antiético, manipulador e desleal.

Nesta atual sociedade, voltada à tecnologia, parar para pensar é o mesmo que perder tempo. Assim, a tarefa da Filosofia na Educação é a de convidar o aluno a uma superação das concepções ingênuas e superficiais da sociedade onde está inserido, ensinando-o a pensar de forma racional, abstrata e abrangente sobre a realidade. É estimular o aluno a refletir sobre si mesmo para aprender a se criticar- e também refletir sobre o mundo para compreendê-lo e,

depois disto, buscar saber qual o seu papel diante do mundo que o cerca e diante do seu próximo.

Desta forma, o próprio aluno poderá, com o passar do tempo, perceber a importância de se aprender a filosofar e responderá por si próprio o questionamento que fez ao seu mestre no primeiro dia de aula: Por que estudar Filosofia?

Abstract

This paper reflects the importance of teaching philosophy and how it applies in the proper formation of the high school student in Brazil. To do so, will be explained, by way of introduction to the work, the meaning of philosophy, considering the etymology of this word and its different aspects, namely: speculative, prescriptive and normative or analytical. Then we tried to compare the classical and the modern concept of truth, to realize this is where began the new conception of truth that science has brought to the story. These themes will serve as preparation for speak of the methods and mediations in the teaching of philosophy, as well as the value of the teacher and Truth in the process of student learning. Finally, we tried to show what role, mission, and philosophy that education has to contribute to student and consequently, society.

Keywords: Teaching Philosophy. Truth. Dialogue. Reflection. Improvement.

Referências Bibliográficas

- ARENDDT, Fac.Hannah. *A condição Humana*. São Paulo, EDUSP/Forense Universitária, 1978.
- BARCELLOS, Marcos Cotrim de. *Filosofia para Educadores – Ensaio sobre a liberdade*. Goiânia: Kelps, 2009.
- COTRIM, Gilberto. *Fundamentos da Filosofia para uma Geração Consciente*. São Paulo: Ed. Saraiva, 1988 – 3ª edição.
- HEIDEGGER, Martin. *Introdução à metafísica*. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1966.
- JAEGER, Werner. **Paidéia** – *A Formação do homem Grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- KNELLER, George F. *Introdução à Filosofia da Educação*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.
- KOWAN, W. O. *Ensino de Filosofia – perspectiva*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- LADUSÃNS S. J., STANISLAVS. *Rumos da Filosofia Atual no Brasil – em auto retratos* (Algo do meu pensamento filosófico. Miguel Reale, p. 436). São Paulo: Edições Loyola, 1976. v. 1.
- MONDIN, Battista. *Curso de Filosofia – Platão*. São Paulo: Paulus, 1981.
- NUNES, Ruy Afonso da Costa. *A Ideia de Verdade e a Educação*. São Paulo: Convívio, 1978.
- PRADO, Lourenço de Almeida. *Educação: Ajudar a pensar, sim: Conscientizar, não*. Rio de Janeiro: Agir, 1991.
- VELOSO, Arthur Versiani. *O estudo da Filosofia*. Belo Horizonte: Edições Júpiter, 1968.

